

suporta uma travessia como essa, muito diferente de um cruzeiro. Mas o desafio e os bons momentos de convivência fazem valer a pena. Tudo vale a pena, se a alma não é pequena, disse o poeta Fernando Pessoa.

Nas experiências anteriores no Mediterrâneo, parávamos para conhecer as cidades; curtíamos praias espetaculares. Fazíamos refeições quentes todos os dias a bordo ou em bares e restaurantes da costa. Grande arquiteto, meu amigo Bruno Fernandes, com quem costumava dividir as aventuras, passava de três a quatro meses por ano velejando, ao lado da esposa, Luciene. Seu barco ficava pelo Mediterrâneo e os amigos se revezavam a bordo, em temporadas de 15 a 20 dias.

A viagem do Papago, não; era quase um delivery. O objetivo combinado era chegar ao Porto em duas semanas, antes que as férias do seu novo proprietário acabassem. Por isso, a derrota — nome que se dá à rota traçada — era uma corrida contra o relógio, as ondas e os ventos, que, na maior parte do tempo, foram muito fracos ou desfavoráveis. O comandante Eduardo Viana pretendia chegar ao Atlântico em uma semana, navegando dia e noite, mas era um plano muito ambicioso para a sua tripulação.

Velejadores profissionais, contratados para esse tipo de empreitada, fariam o percurso com facilidade.

Esse não era o nosso caso. Na primeira etapa da viagem, navegamos dia e noite, muito ao largo da costa, mas a tripulação sentiu a pressão da alimentação precária e das noites mal dormidas. Nosso comandante já no segundo dia amanheceu com uma enxaqueca insuportável. A dor de cabeça, o estresse das manobras num

barco que mal conhecíamos e as idiossincrasias de cada um repercutiriam no clima a bordo.

Existe, porém, uma contingência inescapável: o fato de termos que interagir com os elementos — as águas, o vento, o sol, a escuridão. Muito mais poderosos, despertam no ser humano os instintos básicos da sobrevivência. Isso cria uma relação de solidariedade e mútua dependência que supera a insegurança, o cansaço e os estranhamentos, cria novos laços e forja amizades. Há uma mediação compulsória das diferenças de comportamento, que aproxima as pessoas, gera a aceitação do outro e desfaz os conflitos. Velejar tem essa característica.

O salto de qualidade de nossa viagem ocorreu na escala em Valência, a bela e culta cidade espanhola, na qual compensamos todo o desconforto com uma bela paelha de mariscos, no Restaurante Roberto, um vinho honesto e um passeio pelo centro da cidade, com direito a um concerto de orquestra ao ar livre. Depois desse dia, as condições de travessia melhoraram muito, por várias razões. A mais importante foi a decisão de que não deveríamos passar a noite navegando; mas pernoitar fundeados ou atracados em marinas, o que nos permitiu fugir do confinamento, tomar banhos com abundância de água e curtir minimamente as localidades por onde passamos.

## Mudanças na travessia

As pessoas imaginam que um barco a vela é o melhor lugar do mundo para curtir o mar. É mesmo, mas também depende das circunstâncias. Na travessia, o contexto é outro, completamente diferente. A jornada é dura, exige resiliência, capa-

cidade de adaptação e foco no objetivo que se pretende alcançar. A emoção, muitas vezes, está em ver os golfinhos saltarem, quando nada mais acontecia; o céu estrelado num horizonte de 360 graus, em meio ao frio da madrugada e à escuridão das águas; em contornar as redes de arrasto dos grandes barcos de pesca ou, com o sol a pino, curtir o azul magnífico das águas profundas.

Eduardo Vianna é um português de classe média, bem sucedido profissionalmente. Seu namoro com Ana Cláudia começou na Tailândia, onde se viram pela primeira vez e daria um roteiro de cinema. Tem cultura literária, cabeça de engenheiro e coração de poeta. Havia adquirido o barco recentemente e ainda está assimilando suas manhas. Cascudo, compensou a pouca experiência de velejador com a sua resiliência, a prudência nas manobras e o espírito raçudo.

Contava com o apoio remoto de um amigo, que monitorava as condições climáticas, as sugestões de Ana Cláudia em relação às escalas, e as dicas do ex-proprietário do barco, que era consultado sempre que surgia um problema, como foi o caso de quando o motor da corrente da âncora parou de funcionar porque sua velha bateria já não recarregava.

Depois da travessia de Gibraltar, em Cadiz, Ana Cláudia finalmente embarcou no Papago. A namorada brasileira de Eduardo mudou completamente o astral do nosso comandante e também seus objetivos. Ela fizera uma longa viagem de Brasília para Lisboa, com uma escala de 12 horas em Luanda, Angola. Depois, pegou um voo para Sevilha e foi de ônibus para Cadiz. Seu primeiro dia a bordo foi pesado, pois decidimos velejar à noite, mudando os horários de turno. Ana Cláudia fez companhia a Eduardo no convés até as 2h, quando Pedro assumiu o comando do barco. Às 5h, foi minha vez assumir o timão.

Navegamos até a Ilha da Culatra, na entrada de Faro, no Alentejo, onde almoçamos, pela primeira vez, numa autêntica vila de pescadores. Estávamos finalmente em território português. Pedro Silva, por razões familiares, teve que se despedir na ilha e pegar uma lancha para o continente, voltando antecipadamente para o Porto.

Eduardo refez seus planos. Daí em diante “cruzeiramos”, com boas refeições a bordo e melhores ainda em terra firme. Sua meta passou a ser chegar a Sines, a terra natal de Vasco da Gama, na região do Alentejo, já próximo de Lisboa, onde deixaria o barco numa marina por duas semanas. Qualquer velejador experiente sabe que nem sempre conseguimos chegar onde desejamos nem no tempo que gostaríamos. Quem nos navega é o mar, como diria o Paulinho da Viola.

Arquivo pessoal

**A tripulação completa do Papago: Ana Cláudia Lustosa, Azedo, Pedro Silva e o comandante Eduardo Viana**

